

# REVISTA **BZZZ**



ANO 9 | Nº 105 | AGO./SET. 2023 | R\$ 15,00

## RESGATE

DESCOBERTA DO BRASIL  
É ANTERIOR A 1500

## FUTURO

O SERTÃO VAI  
VIRAR MAR?

## PARIS

DICAS SOBRE A  
NUMERADA CIDADE  
CARACOL

## GUSTAVO TAVARES

VIOLONCELISTA  
INTERNACIONAL  
COM DNA POTIGUAR

# Esther Doña

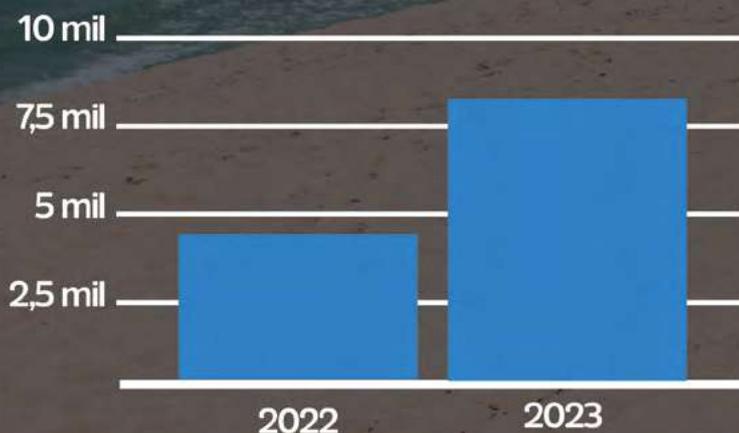


BELA, CHIQUE, GENTIL E COMUNICATIVA. REVELAMOS  
SENTIMENTOS E PREFERÊNCIAS DA BADALADA SOCIALITE  
ESPANHOLA VIÚVA DO MARQUÊS DE GRIÑÓN

**TURISMO DO RIO GRANDE DO NORTE EM CRESCIMENTO.**

**+91,9%**  
**TURISTAS ESTRANGEIROS.**

### CHEGADAS ANUAIS DE TURISTAS



Fonte: Gerência de Informação do Ministério do Turismo.

Com o trabalho árduo e eficiente do Governo do Rio Grande do Norte, o número de turistas nacionais cresceu 4% e internacionais 91,9%, durante o primeiro semestre desse ano, segundo os dados do Ministério do Turismo. Um crescimento que comprova: o Brasil e o mundo seguem se encantando com o Rio Grande do Norte, um estado que sabe receber bem a todos.

Dunas de Genipabu



140  
PERMISSÃO  
SE UR

RN-NATAL  
K-8396

RIO GRANDE  
DO NORTE  
NATAL



**RIO GRANDE  
DO NORTE**

GOVERNO DO ESTADO



Na paradisíaca Praia de São José, coladinha a **SÃO MIGUEL DO GOSTOSO**, no litoral norte do Rio Grande do Norte, fica a deliciosa Pousada Spa dos Amores. Bangalôs com piscina privativa e chalés com banheira de hidromassagem e piscina exclusiva. Além da piscina coletiva. Viva essa experiência e também aproveite nossa aprazível gastronomia.



 [@pousadaspadosamores](https://www.instagram.com/pousadaspadosamores)

**Fones: +55 84 3693 2027 / 84 98178-2727** 

**Reservas: e-mail: [reservas@pousadaspadosamores.com.br](mailto:reservas@pousadaspadosamores.com.br)**



***Seguros para todos  
os momentos da sua  
vida é na Sicredi.***

*Soluções personalizadas  
para as suas necessidades.*

## **Para você e sua família**

Garantir a sua proteção, do seu patrimônio e mais comodidade para quem você ama é um gesto de cuidado.

## **Para os seus negócios**

Proteja a sua empresa em caso de imprevistos e situações inesperadas. Preze pelo seu patrimônio.

## **Flexibilidade e taxas justas.**

É hora de pensar  
no presente e no  
futuro.



# **Sicredi**

**FALE COM A GENTE E CONTRATE O SEU SEGURO.**

## **Sicredi**

**Rio Grande  
do Norte**



Siga nossas redes:

@sicrediriograndedonorte

SAC - 0800 724 7220 - Deficientes Auditivos ou de Fala - 0800 724 0525 - Ouvidoria - 0800 646 2519



# AMPLIANDO O LEQUE

A Bzzz, que já é visualizada por chiques e famosos em Portural e na capital parisiense, chega nesta edição ao país dos amantes de futebol, arquitetura e história: Espanha. Não por menos, nossa capa é estrelada pela linda e gentil socialite Esther Dõna, um dos rostos mais conhecidos de Madri. Abre seu coração e revela preferências.

O lado *teen* chega com a influenciadora de conteúdos digitais Nicole Flor Elali, lindinha natalense apaixonada por viagens e moda que está somando milhões de visualizações nas redes sociais. E estamos, mais uma vez, com recheio de muitas histórias que resgatam importantes monumentos e personalidades não apenas do Rio Grande do Norte, mas desbravando mundo afora.

Os historiadores Rostand Medeiros, Manoel Cavalcanti Neto e Anderson Tavares de Lyra presenteiam os leitores com estudos que revelam sobre o último escravo de Natal; a descoberta do Brasil antes de 1500; e Anderson traz sobre o momento do gigante violoncelista internacional

com raízes potiguares: Gustavo Tavares.

A médica Kyvia Bezerra Mota retrata um “tiquinho” do Seridó do RN, com a bravura de suas mulheres cultas. De Paris, Priscila Grilo revela dicas de onde se hospedar e por aonde andar pelos bairros parisienses, que têm formato de caracol e são definidos por números. O geólogo Theodoro Fernandes fala sobre a possibilidade de o sertão virar mar. Lúcia Rocha conta sobre o premiado jovem arquiteto e empreendedor Kléber Alves, neto da única mulher que participou da resistência a Lampião e seu bando em Mossoró, no Oeste do RN.

O jornalista Fernando Azêvedo mostra como ficará Natal no futuro próximo e revela o interessante projeto de arquiteta brasileira que sugere melhor uso da área em que está localizado o esqueleto do que seria um hotel na Via Costeira. E apreciem os flashes e holofotes de festas badaladas na capital brasileira e em Natal!

*Eliana Lima*  
Editora

## PUBLICAÇÃO:

JEL COMUNICAÇÃO

## BZZZ ONLINE

### ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS

[www.bznnoticias.com.br](http://www.bznnoticias.com.br)

 @bznnoticias

 Revista Bzzz

## SUGESTÕES DE PAUTA, CRÍTICAS E ELOGIOS

[revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br](mailto:revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br)

## EDITORA

ELIANA LIMA

[elianalima@portaldaabelhinha.com.br](mailto:elianalima@portaldaabelhinha.com.br)

## PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA

[www.terceirize.com](http://www.terceirize.com)

## COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS

(84) 99109 9678

## COLABORADORES

ANDERSON TAVARES DE LYRA,

FERNANDO AZEVÊDO,

KYVIA MOTA,

LÚCIA ROCHA,

MANOEL CAVALCANTI NETO,

ROSTAND MEDEIROS,

THEODORO FERNANDES

## CAPAS

ALEX COSTA



# 70 anos de inovação e grandes conquistas

São sete décadas de atuação no fortalecimento e defesa da atividade industrial com serviços e produtos que impulsionam o desenvolvimento do Rio Grande do Norte, das empresas e dos potiguares.



FIERN. Indústria para as pessoas.

# ESTHER DOÑA

UMA MODELO-MARQUESA  
E OS HOLOFOTES  
A BADALADA MODELO E  
SOCIALITE ESPANHOLA  
CONVERSA COM A BZZZ  
SOBRE SUA VIDA PESSOAL

Por Fernando Azêvedo - Fotos Alex Costa



---

Viver sob os holofotes representa vantagens e desafios, mas a modelo, empresária e socialite espanhola Esther Doña domina bem esta arte. Figurinha constante em revistas e veículos diversos, e colaboradora do programa *Y ahora Sonsoles*, da Antena 3, Esther mantém uma relação de respeito e educação com os meios de comunicação. A viúva de Carlos Falcó, o Marquês de Griñón, conversou com a *Bzzz* e declarou que o coração está tranquilo. O ex-esposo foi vitimado pela covid-19 em 2020.

Agora, ela se declara apaixonada “pelos projetos profissionais que tenho no horizonte”. Para celebrar a história do ex-companheiro e superar a perda, escreveu o livro “La vida de un gran hombre a través de mis ojos” (Editorial Planeta, 2021), em que falou sobre esse amor. As melhores recordações se fazem presentes: “O amor e a lealdade que nos dedicávamos. Uma coisa complicada de voltar a encontrar, especialmente nos tempos que correm”, compartilha.

E também fica um pouco da dor de uma perda marcante. Esther conta que os últimos dias com Carlos Falcó “foram momentos muito dolorosos e duros como os de qualquer pessoa que vivesse a mesma experiência.” Com o marquês, ela destaca que um dia muito feliz foi o do casamento dos dois, no Palácio de El Rincón.

Outro lugar mencionado por Esther, este em Portugal, é o Hotel InterContinental de Cascais-Estoril, sua hospedagem favorita em terras lusitanas. Além de Portugal, ela menciona para *Bzzz* o país-sede da Revista da Abelhinha. Isso porque a modelo já esteve no Brasil, onde conheceu o Rio de Janeiro e Búzios, e deseja conhecer Ilha Grande (RJ). Quanto a Natal, diz: “Ouvi falar maravilhas das praias da zona, mas ainda não tive a sorte de as visitar.”



## CUIDAR-SE

Um dos rostos mais conhecidos na imprensa espanhola, Esther conta que tem cuidados básicos com a pele e o corpo, apesar de agradecer à genética que a mantém bela. “Penso que o [cuidado] mais importante é a alimentação que tenho. Para além disso, gosto muito de fazer desporto, que pratico mais pelo modo que me faz sentir bem do que por preocupações em ter um corpo definido”.

Ela conta que o segredo para manter a pele saudável e jovial é priorizar a limpeza diária, o que faz com disciplina. Diz que é importante manter esse cuidado com a rotina de beleza.

“Ter boas notícias” é o que desperta felicidade em Esther. Já o oposto, afirma, são “a injustiça, a falta de lealdade, o abuso de poder, as doenças”.

## COMPANHEIRA LEAL

Quem também vive sob holofotes é a Bichon Maltês de Esther, Chloé Falcó Doña, pet que adora posar e tem, inclusive, um Instagram em que é acompanhada por centenas de seguidores. “A minha companheira inseparável, e também ela tem uma relação próxima com a imprensa”, diz a tutora.

A modelo revelou ao site ABC que o nome de Chloé tem uma conotação pessoal para ela e seu ex-marido, quem a presenteou com a maltês, pois o C é de Carlos e o H vem de Esther.

## MITOS

A referência de beleza e elegância que Esther rememora de pronto é a Audrey Hepburn, atriz-ícone que estampou filmes no século XX e se tornou um símbolo fashion atemporal.

Mulheres como Audrey, que se destacou por sua aparência e talento frente às câmeras no mundo todo, são uma referência, mas existem muitos tipos de beleza, algumas menos visíveis. Esther diz que merecem aplausos “todas as mulheres que tiveram força para seguir para a frente apesar de estarem em situações de precariedade e injustiça”.





## IMPONÊNCIA

O Palácio El Rincón, onde Carlos Falcó casou-se com Esther Doña, existe desde 1862, sendo frequentado por reis da Espanha há décadas. Foi a última moradia do marquês, que residia com sua viúva e quarta esposa.

As belezas do palácio não são mais tão admiradas como antes, conforme afirma Esther: “O Palácio El Rincón já não é o que era, já não se recebem visitas porque já não vivem lá ninguém. Neste momento, é ocasionalmente alugado.”



**Priscila Grilo**  
De Paris

# Paris

## Dicas sobre os bairros da capital francesa

A capital parisiense tem 20 bairros. Quando você vem visitar a cidade, pergunta: onde ficar e aonde sair? Qual é o público desses bairros?

A primeira coisa a saber é que a cidade é em forma de caracol e os bairros são numerados de um a vinte, em forma de espiral. Para nós, parisienses, os bairros, além de números, são, sobretudo, zonas que evocam um estilo bem definido da população do lugar.

O 1<sup>ème</sup>, que é realmente o centro do caracol, é identificado por *Chatelet*. É o centrão da capital, concentra lojas de *fast fashion* no shopping *Les halles* e na rue de *Rivoli*. Não é um bairro ruim para ficar, mas também não diria que é bom. É àquele famoso bairro onde tem fronteiras invisíveis, sabe? Por exemplo: tem uma parte maravilhosa, que é a famosa *Rue Saint Honoré*, com as lojas de luxo; a famosa *Place Vendôme* com suas joalherias... mas se você caminha na direção de *Chatelet* e do shopping *Les halles*, o público muda e em função da hora pode ser complicado... *Chatelet-Les halles* é a maior estação de metrô de Paris e acaba misturando

muito o público.

O 2<sup>ème</sup>, pela zona de *Opéra* (o museu da ópera vale muito a pena) e *Pyramides*, tem bastante empresas. O 3<sup>ème</sup>, que é o *Haut Marais* (o alto do Marais), pessoalmente eu adoro. É sempre animado e nos domingos têm gente nas ruas, muitos barzinhos e restaurantes legais. É perfeito para passear no final de semana ou depois do trabalho. A frequência é uma « mistura chic »: parisiense, mas ao mesmo tempo um pessoal moderno, descolado. Não sei dizer equivalente em Natal.

Depois temos o 4<sup>ème</sup>, descendo do *haut Marais*, em direção ao Rio Sena. É onde tem o *Hotel de Ville* (a Prefeitura de Paris), a parte baixa do Marais, o famoso Marais gay. Também tem muitos restaurantes, lanchonetes que estão na moda, brechós e marcas interessantes.

São no 3<sup>ème</sup> e no 4<sup>ème</sup> onde você encontra lojas de marcas tendências, que geralmente se implantam nesses bairros em primeiro lugar antes de invadirem os outros bairros da cidade. Então, é uma



área interessante para fazer compras e sair um pouco do clássico de Paris.

Siga descendo para o 5<sup>ème</sup>, o famoso bairro da Emily in Paris. É onde tem a zona de Saint Michel, bem turística, perto da Catedral de Notre Dame, do Jardin du Luxembourg, famosos pontos turísticos que todo turista tem que conhecer. O Jardin des Plantes (onde fica o museu de história natural) é um bairro bem parisiense, faz parte dos bairros old money de Paris. Certo, tem a famosa zona turística de Saint Michel, mas é calmo, tranquilo e bem frequentado.

Logo ao lado tem o 6<sup>ème</sup>, que é o famoso bairro Saint Germain, bem parisiense também. Eu diria que o 5 e o 6 são os bairros do parisiense clássico, onde você pode andar meia-noite a pé sem problema. E realmente não acontece nada com você.



Panorâmica do Rio Sena

Na verdade, 5, 6, 7 e 8 são bairros tranquilíssimos. O 7<sup>ème</sup> é o bairro típico do parisiense old money, mas sem a agitação do 5 e do 6, com muitas opções de restaurantes e bares. O 8<sup>ème</sup> já é mais agitado por conta da Champs Elysées, da avenue Montaigne, e também reúne várias empresas.

Fota da ordem, o famoso 16<sup>ème</sup> é um dos bairros mais chic de Paris, onde novo e velho rico encontram-se. É um bairro com apartamentos e *hotels particuliers*, mas não é badalado. É um dos maiores bairros da cidade, com muitas pessoas da comunidade judia, junto também com o Maris e o 19<sup>ème</sup>.

Voltando à ordem, o 9<sup>ème</sup> concentra muitas empresas, sobretudo start-ups. Faz parte dos famosos bairros « bobo » (pronuncia-se bôbô). Bobo é a contração da expressão « bougeois-bohème » (burguês-boêmio). Os moradores são os famosos franceses que têm dinheiro mas não gostam de ser vistos como burgueses, então eles gostam de morar num bairro misturado pra dizer que são simples.

O 9<sup>ème</sup> tem muitos restaurantes e bares legais, porém tem que ter cuidado, pois logo no norte do bairro tem o 18<sup>ème</sup>, que tem a parte de Pigalle, Moulin Rouge e o famoso Sacré Cœur, apesar desses pontos turísticos, é uma zona perigosa de Paris. Tem a chamada fronteira invisível. O 10<sup>ème</sup> é outro bairro « bôbô », com bastante imigração, sobretudo perto das estações de Gare du Nord e Gare de l'Est.

O 11<sup>ème</sup>, tem um público como no 10<sup>ème</sup>, mas é hoje bairro tendência e típico Bôbô em Paris, com restaurantes legais, e onde jovens chefs abrem restaurantes. Paris é uma cidade cara, entretanto, o metro quadrado nessa zona ainda é « acessível », comparando com bairros mais tradicionais. Então, acaba sendo uma zona legal para sair à noite e aproveitar diversas opções. Tem também muitos « concept stores » com bares e restaurantes com preços em conta. Um ambiente jovem e moderno, super legal para sair. Um pequeno alerta : depois de certa hora da noite fica complicado em termos de segurança, com as fronteiras invisíveis.



Fonte Du Palmier



Arco do Triunfo



Fontaine des Mers

Na verdade, a insegurança em Paris não é como no Brasil de roubo. Aqui tem mais « pickpocket » (batedores de carteira) nos pontos turísticos e o perigo vai ser mais porque tem muitas pessoas desequilibradas e pode haver às vezes em função da zona de assédio no metrô.

O 12<sup>ème</sup>, que fica perto do Bois de Vincennes, é um bairro classe média, sem muita badalação. Na verdade, os bairros 12, 13, 14 e 15 são bem familiar, onde moram muitos jovens casais com filhos. São bairros relativamente calmos, têm uma *vida de quartier* com seus açougues, queijarias e restaurantes de bairro. Não tem particularmente ponto turístico nesses bairros.

Na verdade, cada bairro tem suas zoninhas. Eu diria que o 13<sup>ème</sup> tem uma zona onde é o China Town. Perto de Place d'Italie tem a Buttes aux Cailles (um bairro dentro do bairro), onde você parece que não está em Paris. Tem a a parte do Gobelins,

onde parece que você já está no 5<sup>ème</sup>, pois já fica perto do Jardin des Plantes. No sul do 14<sup>ème</sup> tem a cité universitaire, onde tem a casa de cada país para estudantes estrangeiros de mestrado e doutorado. São bairros classe média / classe média alta.

O 17<sup>ème</sup> tem duas zonas específicas : a parte nobre, que fica entre o Arco do Triunfo, o Parc Monceau e Villiers. A parte de Batignolles é cheia de bares e restaurantes, com uma população jovem e animada, e quando você chega perto da fronteira com o 18<sup>ème</sup>, a população literalmente muda. O 18<sup>ème</sup>, como já falei, é o bairro onde fica o Sacré Cœur, tem a parte de Abbesses, que é super agradável, parece uma cidadezinha e é muito charmoso. Mas, saindo dessas zonas eu não aconselho, pois, dependendo, tem lugares onde é realmente perigoso com tráfico de drogas e ruas onde é perigoso andar à noite. Não aconselho ficar nos bairros 18, 19 e 20, pelo menos se

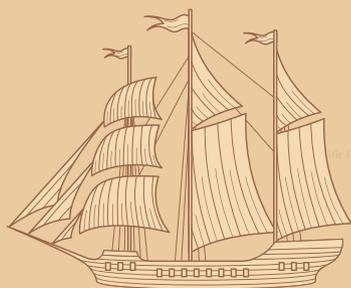
for uma primeira viagem a Paris.

São bairros mais populares, com imóveis construídos pelo governo francês. Quando uma família não tem condição, o governo propõe um *logement social*. Geralmente são imóveis que você vai achar lindos, parecem esses imóveis do Brasil, com torres de vários andares, mas em Paris geralmente não é um bom sinal, pois os imóveis típicos parisienses não passam de 6 andares.

Mas, como escrevi, existem zonas legais nesses bairros. Por exemplo, no 19 tem o famoso Jardim des Buttes Chaumont, lugar lindo, com *ganguettes* (bar/restaurante), onde você pode sentar, tomar um vinho diante de vista super linda do Sacré Cœur e da Torre Eiffel. Então, vale a pena ir lá? Vale, mas não acho um bairro prático para ficar em Paris.

Espero que esse panorama dos bairros ajude vocês a escolherem onde ficar e visitar quando vierem à capital francesa.

**Manoel de Oliveira Cavalcanti Neto**  
Engenheiro Civil e Historiador



# BRASIL

## MARE CLAUSUM, MARE LIBERUM E OS ANOS ESQUECIDOS

Nos séculos XV e XVI ocorreria a fenomenal abertura planetária, capitaneada, principalmente, pelos nautas portugueses, verdadeiros antecessores dos astronautas modernos. Tudo isso há mais de 500 anos e em plena Idade Média, sem os recursos e tecnologia do século XXI. Verdadeiros heróis, com a grande maioria mantida no anonimato e com muitos usurpadores de suas glórias.

Todo esse processo não termina com a ultrapassagem do Cabo da Boa Esperança por Bartolomeu Dias, com a chegada de Colombo às terras D'além Mar, com o Tratado de Tordesilhas, com a chegada da 1ª Armada Portuguesa a Calicute, sob os comandos de Paulo da Gama, Vasco da Gama e Nicolau Coelho e com o Descobrimento e Posse Oficial da Terra dos Papa-gaios, denominada de Vera Cruz por Pedro Álvares Cabral, o primeiro europeu a navegar por quatro continentes, embora fossem frequen-

tes as expedições secretas pelos lusitanos. Esses eventos foram os marcos da evolução da História Marítima, que consolidaram o processo que vinha ocorrendo desde o século XIII em Portugal, dominando os mares e oceanos e que internacionalizaram o mundo, que se tornou outro a partir do século XVI.

Os portugueses atingiram as Índias depois de um esforço hercúleo de sete décadas, que tinha a intenção de abrir o Oriente ao comércio europeu, destruindo assim os diversos monopólios comerciais que predominavam na época. Os feitos da Primeira Armada de 1497/1499 podem ser considerados superiores aos feitos de Colombo, pois Portugal não fez as descobertas ao acaso como o genovês, no que se refere aos métodos criteriosos e científicos adotados por eles nas suas expedições, que já pressentiam a existência dessas terras, desde a adoção da grande volta ao mar no Atlântico Sul e a percepção

do grande círculo que faziam as correntes no sentido anti-horário, diferentemente do Hemisfério Norte. De fato, depois de zarpar das ilhas do Cabo Verde, no rumo da Índia, avistaram, na grande volta ao mar, aves marinhas voando "muito rijas, como aves que iam para terra". Possivelmente, e oficialmente, não desviaram sua rota para segui-las, mas a aparição foi registrada no seu diário de bordo.

A conquista do mar, então, é a comprovação do avanço náutico lusitano e isso provocou uma rivalidade entre os europeus. A partir de Tordesilhas, assinado entre Portugal e Castela em 1494, acirrou a disputa entre os dois reinos e inveja e protestos das outras nações, que se encontravam em formação. A ocupação das terras do Novo Mundo pelos ibéricos e o domínio pelos portugueses do Atlântico Sul e da Rota Comercial com a Índia, acirrando a rivalidade entre os europeus, confundindo-se com

o processo de formação e consolidação dos Estados nacionais.

É na relação entre esses Estados que se encontram as explicações para o entendimento da construção do colonialismo, que complementava a afirmação explícita do domínio sobre territórios e populações nativas. A disputa colonial e a rivalidade contribuíram para a expansão europeia, pois se tratava de construir e consolidar impérios coloniais.

O Tratado de Tordesilhas desde o início foi questionado porque proclamava a exclusividade ibérica dos mares e terras a serem descobertas, crescendo, a cada dia, a oposição ao mesmo que exigia a abertura dos mares a todos os povos, tornando-se um problema, com ameaças de confrontos, a essa atividade marítima exclusiva. Isso vinha contra à posição do *mare clausum*, era a defesa do *mare liberum*, que se tornou, assim, uma questão de Estado pela supremacia imposta sobre os outros, criando obstáculos jurídicos ao controle e à concorrência nos mares, politizando e envolvendo toda a Europa.

A França, o Estado que mais questionou essa exclusividade dos mares e terras, definida inicialmente por um papa espanhol e estabelecida posteriormente por João II de Portugal e Isabel de Castela e referendada pelo mesmo pontífice, mobilizou toda a Europa movida por interesses econômicos da atividade marítima real e privada. A partir do início do século XVI, corsos,



os principais atores do *mare liberum*, já percorriam os litorais da Terras de Portugal e de Castela, dificultando cada vez mais a política do *mare clausum* que só viria a sucumbir definitivamente no início do século XVII, principalmente no Oriente.

Entre 1492 e a primeira década quinhentista, as potências navais da Europa foram reforçando seus portos e estaleiros, a fim de garantir a atividade mercantil as-

sociada à navegação, mas sempre numa disputa política instável. É nesse período que ocorre a valorização dos corsários que atuavam sob a proteção e financiamento real com a criação de companhias gerais, surgindo assim uma nova instituição administrativa.

O *modus operandi* dos corsários ultrapassava os critérios adotados pelos armadores em termos de ação e comportamento, envolvendo pessoas desvin-

culadas das regras sociais e da atividade náutica, porque estavam diretamente articulados com os interesses do poder político. Cada vez mais a administração dessas empreitadas se tornava mais complexa e inadministrável, porque extrapolava todos os limites aceitáveis. Esses mercenários recebiam do poder real direitos sobre as áreas territoriais e eram recompensados pelos valiosos

produtos adquiridos dos nativos através do escambo com quinquilharias, ferramentas de ferro, utensílios e tecidos. O fato é que nunca se desvincularam do Estado e do apoio do erário, sempre procuravam um bom relacionamento com os nativos, pois não tinham como objetivo inicial a colonização, mas de se afirmarem a partir das suas funções econômicas, políticas e mercantilistas.



Torre de Belém, no distrito de Lisboa

## DESCOBRIMENTO DO BRASIL

A travessia atlântica da frota de Cabral, desde a sua saída de Lisboa, até o avistamento de terra na costa brasileira, durou 44 dias. O percurso foi tranquilo, exceto o extravio de um navio que não foi mais localizado. A travessia transcorreu sem novidades até avistarem sinais e avistamento da terra.



A notícia do descobrimento do Brasil em 1500 esteve longe de gerar na corte de D. Manuel e nos círculos mercantis nacionais e estrangeiros interessados no projeto expansionista da coroa portuguesa um entusiasmo semelhante ao suscitado pela primeira viagem marítima entre Lisboa e a Índia. A primazia então conferida ao Oriente pelos homens empenhados na atividade comercial em paragens de além-mar é facilmente explicável.

As terras orientais eram desde há muito afamadas pelas suas riquezas, pela produção de especiarias e artigos altamente

valorizados na Europa, onde se transacionavam com lucros consideráveis e pelo requinte das civilizações respetivas. A grande atração exercida pelo Oriente torna-se, pois, compreensível desde que se tenha em consideração não apenas os benefícios econômicos que podiam proporcionar, como o estatuto mítico conferido pelos europeus àquela parte do mundo, associada no seu imaginário à opulência e ao maravilhoso. Assim, Vera Cruz passou a ser apenas uma opção para aguadas, refrescos e manutenção dos na-

vios, dando segurança às futuras expedições que almejavam chegar até as Índias.

O controle territorial não deixava de ser importante, caracterizado pela disputa de terras com os signatários de Tordesilhas. A partir do século XVI, não era a livre navegação que estava em discussão, mas a garantia de controle de portos e entrepostos de negociações e apoio logístico, acrescentando ao império marítimo o império territorial, garantindo o monopólio econômico, legitimado pelo absolutismo reinante.

# BRASIL DESCOBERTO ANTES DE CABRAL

Em contrapartida, o que poderia o Brasil oferecer aos mercadores da Europa no período sub-sequente ao descobrimento? O balanço relativo à terra e aos autóctones brasileiros constantes da carta de Pero Vaz de Caminha constitui mais um repositório de esperanças do que uma enumeração de recursos e condições capazes de possibilitarem o seu imediato aproveitamento pelos portugueses.

O Estado era administrado sob o ponto de vista político e buscava a riqueza, para garantir o enriquecimento do Estado, sem levar em conta a necessidade do aumento da renda dos súditos. O avanço econômico tinha de ser obtido a qualquer custo, através da navegação, da exploração das terras e dos povos da África, do Novo Mundo e do Oriente.

Todavia, no início do século XVI a coroa portuguesa adotava uma estratégia de expansão mais caracterizada por um imperialismo comercial do que pelo imperialismo colonial, que apenas mais tarde se tornaria preponderante. Assim, um território distante e habitado por populações ainda neolíticas, como era o Brasil, não apresentava os requisitos que o tornassem uma prioridade no quadro do projeto da coroa de Portugal.

A expedição de Pedro Álvares Cabral possui o mérito de ter

sido a responsável pelo “descobrimto” do Brasil, ou “redescobrimto”, como afirmou Dom Manuel na sua carta aos reis católicos em 1501, tomando posse da terra com padrão, segundo Damião de Góis em Crônica do Felicíssimo Rei D. Manuel. Alguns historiadores coevos afirmam que o Brasil já havia sido descoberto há alguns anos antes, tanto por portugueses, quanto por espanhóis. Cabral seguiu a rota da Armada de 1497 e, por acidente ou propositadamente, localizou a costa brasileira, atracando para a aguada, refrescos e manutenção dos navios, nessa primeira ancoragem permaneceu 10 dias.

Ainda se discute a chegada dos portugueses ao Brasil, se foi obra do acaso, sendo produzida pelos ventos, correntes marítimas ou Coriolis, ou se já havia conhecimento anterior de um Novo Mundo no Poente e Cabral estava incumbido também de uma missão secreta que o levasse a tomar esse rumo.

Tudo indica que a expedição de Cabral se destinava efetivamente às Índias, mas nessa outra missão paralela deveria tomar posse das terras para Portugal, que lhe eram de direito segundo Tordeilhas, tanto que depois de tomar posse oficial da nova terra, enviou uma naveta de mantimentos, depois de esvaziá-la, para comunicar a boa nova, ou confirmação da



Em Belmonte



Padrão dos Descobrimentos, em Belém, Lisboa



Castelo de São Jorge

posse, ao rei D. Manuel. Isso não elimina a probabilidade de navegantes europeus, sobretudo portugueses, terem frequentado a costa do Brasil antes de 1500. De qualquer forma, trata-se de uma contro-vérsia que hoje interessa pouco, pertencendo mais ao campo da curiosidade histórica do que da compreensão dos processos históricos.

Nas sociedades indígenas eram marcantes a música, a dança, o respeito pelos deuses e pavor às forças naturais, além de uma cultura rica em alimentos (batata, milho, mandioca, inhame, mel de abelha, tomate, feijão, amendoim, palmito, abacaxi, caju, mamão, goiaba, jabuticaba, maracujá etc.), subprodutos vegetais (borracha, cacau, tabaco, erva-mate etc.); plantas e ervas medicinais (jaborandi, copaíba, guaco, angico vermelho, quinino, curare etc.); plantas manufatureiras (algodão, piaçaba, palhas etc.); trabalhos de cerâmica, preparo de farinha de mandioca e de milho, ressaltam-se também peixes, crustáceos, caças, moluscos e pimentas.

Os primeiros contatos com os nativos foram pacíficos e de bom entendimento. Apesar disso, os portugueses sempre desenvolveram uma postura colonizadora, indicando a sua cultura e religião como superiores às dos nativos. O europeu exercia um verdadeiro fascínio sobre os nativos, pois sua base tecnológica era muito superior. Neste contexto, conviveram de forma pacífica nas primeiras décadas do século XVI., também conhecido como “os anos esquecidos” da colonização do Brasil. Este período vai de 1500, com o “descobrimento” do Brasil, até 1531, com a chegada da “missão civilizadora” de Martim Afonso de Sousa, mas se prolonga em algumas regiões por todo o século, pois a terra tinha muito mais de costa do que as 2.000 milhas estimadas por Fernão de Castanheda.



## INTERESSE PELO PAU-BRASIL

O principal motivo da atração que a terra recém-conhecida viria a exercer nos europeus não foi previsto por Caminha. Foi-lhe impossível aperceber-se que as tinturas usadas pelos silvícolas seriam usadas na Europa e que seriam oriundas de uma árvore ali existente e que assumiria importância nos contatos subsequentes com o território e os seus habitantes.

A *ibirapitanga* ou *pau-tinta*, nas suas variedades asiáticas, já era conhecida na Europa desde o século XII e viria a constituir o produto da terra americana sob a jurisdição dos portugueses mais atrativo para os comerciantes europeus nas primeiras décadas de quinhentos. Sendo utilizado para tingir de vermelho diversas espécies de tecidos, tornou-se uma necessidade mais econômica para a indústria tintureira, o que explica importância dessa madeira abundante na América portuguesa.

A extração do pau-brasil, era feita em parceria com os nativos que, em troca da derrubada das árvores na floresta, seleção das toras e transporte até a orla, recebiam como pagamento espelhos, gorros, bijuterias, facas, machados e roupas, entre outros produtos manufaturados. À medida que a madeira foi se esgotando no litoral, os europeus passaram a recorrer aos índios para obtê-la. A derrubada de árvores era uma tarefa comum na sociedade indígena. Assim, o corte do pau-brasil podia integrar-se aos padrões tradicionais da sua vida, facilitada pelo uso de machados e facões metálicos. Os índios forneciam a madeira e, em menor escala, farinha de mandioca, aves e algumas ervas medicinais.

A abertura de uma rota marítimo-comercial com a Índia praticamente coincidiu com a “desco-berta” do Brasil. Por ser Portugal um país de sem maiores recursos para tão grandes projetos e, além disso, ter um baixo índice demográfico, teve que optar em direcionar seus esforços de colonização, esquecendo Vera Cruz. Para piorar ainda mais a situação, não foram encontrados, até o século XVII, metais preciosos ou outros produtos que pudessem dar um sentido econômico exceto o pau-brasil, a cana-de-açúcar, algumas ervas, aves e artesanato exóticos, não dando importância para o povoamento e colonização das terras recém-descobertas. Isso não representou, inicialmente, mais do que uma esperança cujo poder de mobilização de esforços para o incremento da presença portuguesa se revelaria insuficiente para o estabelecimento de laços sólidos com o território.

**Sendo utilizado para tingir de vermelho diversas espécies de tecidos, tornou-se uma necessidade mais econômica para a indústria tintureira**



Em Vila do Conde, ao fundo, réplica de uma nau quinhentista



Caravela

## O NOME BRASIL FOI DADO EM 1503

A nova terra não provocou, nem de longe, o entusiasmo despertado pela chegada à Índia, ela aparece com possibilidades de exploração, mas seu tamanho, contornos geográficos e extensão eram desconhecidos. As atrações exóticas – índios, papagaios, araras – prevaleceram, a ponto de alguns informantes, particularmente italianos, darem-lhes o nome de terra dos papagaios. O nome Brasil começou a aparecer em 1503, associado à principal riqueza da terra em seus primeiros tempos. A expedição de Cabral foi um sucesso sob todos os aspectos, pois ela tomou posse oficial e estabeleceu uma base sólida de comércio com a Índia e a garantia do monopólio do Atlântico Sul.

A pesar de Portugal ter de-

monstrado inicialmente pouco interesse pela colonização, nos primeiros 30 anos do descobrimento muitos europeus fizeram contatos com os nativos, sendo que estes contatos foram relativamente saudáveis para ambas as partes, embora objetivasse o lucro, que era obtido com a exploração do pau-brasil, embora fosse menor do que o vantajoso comércio de produtos africanos e asiáticos, porém com menos problemas.

O pau-brasil ocorria no litoral desde o Rio Grande do Norte até o Rio de Janeiro, alguns trechos com pouca ocorrência e outros onde era impraticável a exploração. Entre S. Roque (S. Jorge de Cantino) e a Bahia da Traição, eram de qualidade superior, mais finos e abundantes, além de fácil extração. As

toras eram de 1,5m e os fardos pesavam até 30kg., dependendo do diâmetro, e cada navio levava no máximo, para a Europa, cerca 150t., sendo necessário muitas vezes fazer lastro com outros produtos, dando um lucro de 300%.

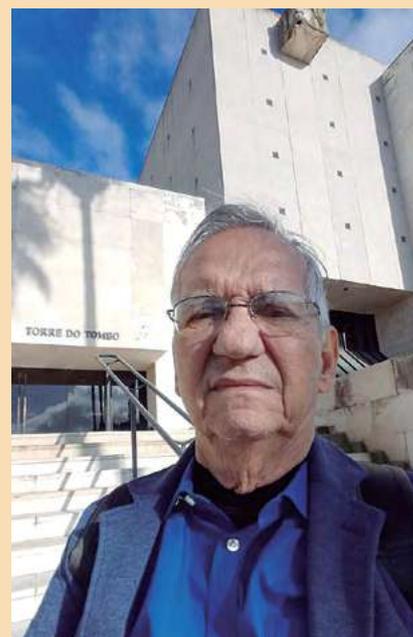
Estudar os primeiros anos da colonização do Brasil não é tarefa fácil, pois restaram poucos trabalhos sobre esse assunto. Somente naufragos, traficantes e degredados de origem europeia que, por razões diversas, acabaram convivendo com os índios brasileiros, tiveram papel importante nas primeiras décadas da colonização do Brasil.

Era necessário colonizar para não perder a terra, um imenso Portugal! Havia consciência disso e as nações europeias não reconheciam o Tratado de Tordesilhas, que afirmava que os países ibéricos eram os únicos donos das terras da América. Por isso, a costa brasileira, desde o início dos anos quinhentos, frequentemente era visitada por embarcações das mais variadas nacionalidades, principalmente a francesa, a inglesa e a holandesa, que tinham a intenção declarada de fundar colônias e se estabelecerem em terras do Brasil.

Apesar da preocupação com as visitas indesejadas de corsários de outras nacionalidades e o medo de perder a posse da terra para eles, não foram os únicos fatores que levaram a organização de expedições guar-

da-costas. Outros fatores determinaram a concretização desta, como o declínio do comércio com o Oriente devido aos custos elevados, além da concorrência estrangeira de Norte a Sul. Portugal necessitava de medidas para aumentar seus lucros, manter a esperança de se descobrir metais preciosos e garantir para si a nova terra.

Para garantir a posse da terra e criar novas alternativas comerciais, Portugal organizou a primeira grande expedição colonizadora destinada ao Brasil. Esta expedição era comandada pelo fidalgo Martim Afonso de Souza.



Na Torre do Tombo, na última pesquisa Portugal, 2019



Astrolábio



Instrumentos Náuticos



# PRESIDENCIAL

Fotos: Paulo Lima/Brasília

Com organização da filha Roseana Sarney na bela mansão do pai no Lago Sul, em Brasília, o ex-presidente José Sarney festejou os bem vividos de 93 anos de idade. É o mais longevo ex-presidente da República brasileira.



José Sarney com a esposa Marly e a filha deputada federal Roseana Sarney



Vice-presidente da República Geraldo Alckmin, Jorge Chamas, Ibaneis Rocha (governador do DF), Zequinha Sarney



Ministro Waldez Góes, Roseana Sarney, Arthur Lira (presidente da Câmara dos Deputados), Carlos Brandão (governador do MA), Fernando Sarney



O aniversariante com o senador Paulo Paim, e os ministros potiguares do STJ: Ribeiro Dantas e Gurgel de Faria



Paulo Octávio Pereira e o ex-presidente Michel Temer



Pimenta da Veiga, Agaciel Maia, governador Ibaneis, Agaciel Júnior



**Marco Aurélio Costa, ministro Dias Toffoli (STF) e Paulo Delgado**



**Com a esposa Marli, Maria Vandira e Marcela Peixoto**



**Marcelo Chaves e Cláudia Meirelles**



**Com Luiz Estevão**



**Vera Carla Siqueira, Miranda Castro, deputado Gilvan Máximo**



**Hezir Espíndola, Romana Silva, Hugo e Leda Napoleão**

# PARABÉNS SOLIDÁRIOS

Toda socialite querida da capital brasileira, Rita Márcia Machado festejou grito de felicidade com coro de parabéns de amigas chíquimas e perfumadas, no Espaço Villa Rizza. De presente, a aniversariante sugeriu a doação de R\$100, para serem revertidos em obras sociais das entidades Pousada dos Idosos da Casa do Ceará, Casa de Apoio da Rede Feminina de Combate ao Câncer e Mulheres Guerreiras do Sol Nascente, Federação das Bandeirantes no Paranoá.



Aniversariante Rita Márcia Machado



Aniversariante com o grupo de amigas



Aureliza Corrêa, Jane e Marcella Godoy



Graça Cantanhede, Elizabeth França, Adriana Colela e Ana Rosa Coelho



**Embaixatriz Julie-Pascale Moudoute e Marli Vianna**



**Tathni Monteiro, Ana Paula Alasmar, Lourdinha Fernandes e Lúcia Alasmar**



**Edna Batista e Irene Maia**



**Aniversariante com Guida Carvalho**



**Heloisa Valadão e Iza Matias**



**Marisa Macedo, Zilé da Costa Raymundo, Elizabeth Campos e Sandra Costa**



**THEODORO MEIRELLES DA MOTTA FERNANDES**  
Geólogo, trabalha como consultor ambiental e mineral  
Possui certificados na área de Geotécnica, Geologia  
Ambiental, Perícia Ambiental, Geoprocessamento,  
Percepção e Mapeamento de Riscos Geológicos.

# O sertão vai virar mar?

Não sei, mas  
sabia que ele  
já foi?



Uma famosa música do grupo “Trio Nordestino” faz a indagação sobre se algum dia no futuro o sertão irá se tornar mar, caso pensemos com olhar do tempo geológico, muito possivelmente em algum momento do futuro parte do sertão brasileiro irá se tornar mar sim, isso faz parte da “dança” das placas tectônicas, contudo não podemos dar certeza onde e nem quando isso irá acontecer. Não valendo muito a pena fazer meu leitor perder seu tempo com conjecturas quase impossíveis de prever.

No entanto, muitas partes do sertão brasileiro, sobretudo o nordestino, possuem rochas que

demonstram claramente, e sem levantar margem para debate, que esses locais já foram mares ricos em vida submarina. Já ouviu falar em rochas calcáreas ou em mármore? Faz ideia de como eles se formam? Pois bem, eles são a prova cabal de que uma região fez parte de algum mar.

Antes de falar mais sobre calcários é importante entender bem como se formam as rochas sedimentares (grupo que os calcários estão inclusos). Essas rochas são formadas através da sedimentação (deposição contínua de sedimentos) e diagênese (cimentação e aglutinação desses sedimentos em rocha), ou

seja, com o passar dos milhares e milhões de anos grão após grão vão se juntando, compactando e se fixando, formando assim as rochas sedimentares.

Esses sedimentos, ou clastos (como os geólogos chamam), podem ser de origem mineral ou animal, o caso dos calcários, estes são formados por bioclastos, restos de carapaças de animais que se juntam e formam as rochas, essas carapaças são exclusivamente de animais parecidos com as ostras e alguns corais, ou seja, só se deposição em ambientes marinhos. Isso implica que todo local que tem rocha calcárea já foi mar.

Existem diversos cantos no Brasil, no Nordeste e no Rio Grande do Norte, onde podemos encontrar essas rochas que se formaram no mar. Um ótimo exemplo dessas rochas está na Chapada do Araripe, no estado do Ceará, onde seus fósseis são mundialmente famosos, especialmente fósseis de dinossauros, diversos reptéis, insetos e peixes.

No RN existe a Formação Jandaíra, que está localizada na porção Norte do estado, em especial na região do Oeste Potiguar, onde compreende os municípios de Mossoró, Apodi e Açu, com essa formação rochosa tendo mais ou menos 90 milhões de anos.

Outro local do sertão Potiguar que comprovadamente já foi mar é o Seridó, que possui rochas do Grupo Seridó, esse formado dentre outras rochas, pelos mármores da Formação Jucurutu, Mármores que são o resultado do metamorfismo dos calcáreos, essas rochas se formam quando os calcáreos são “cozidos e achatados”, sofrendo muita pressão e temperatura, o que muda sua estruturação e os forma em rochas maciças chamadas de Mármores.

Assim, é possível perceber que o sertão é cheio de segredos e curiosidades geológicas valiosas que nos permitem entender o quão pequenos somos perante a Terra. A constante transformação de nossa planeta ao longo do tempo geológico e sua dança tectônica nos convidam a descobrir como o mundo é um local incrível e intrigante, que guarda estranhas e curiosas memórias de seu passado, além de mistérios sobre seu futuro.

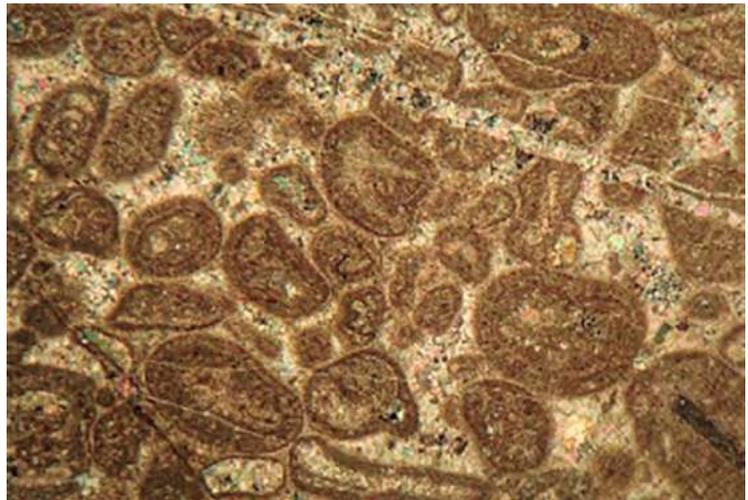


Imagem dos “bixinhos” (bioclastos) que formam as rochas calcáreas.  
Fonte: Site istockphoto



Fóssil de Peixe em Rocha Calcárea da presente na Chapada do Araripe. Fonte. Tatiana Lopes, jornal O Povo.



Fósseis de Conchas encontrados na Formação Jandaíra. Fonte: Cassab, 2003 (Paleontologia da Formação Jandaíra, Cretáceo Superior da Bacia Potiguar, Com Ênfase na Paleobiologia dos Gastrópodes)



# Gustavo Tavares

## Violoncelista internacional com raízes potiguares

Por Anderson Tavares de Lyra – Historiador

Gustavo Tavares é reconhecido internacionalmente como violoncelista e compositor. Descendente de duas famílias tradicionais do Rio Grande do Norte: Tavares e Albuquerque Maranhão, Gustavo é trineto de Amélia Augusta Tavares, irmã de Pedro Velho, Augusto Severo e Alberto Maranhão, entre outros. Filho do músico Túlio Tavares, Gustavo é irmão de Ricardo Tavares, embaixador do Brasil na França.

Doutor em Música pela Rutgers University, nos Estados Unidos, ele despontou cedo no cenário musical brasileiro quando já aos dezessete anos

de idade. Após vencer vários concursos nacionais, foi escolhido por uma banca presidida por Cláudio Santoro para o posto de Primeiro Violoncelo da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional em Brasília, tornando-se o mais jovem chefe de naipe desse instrumento em uma orquestra profissional brasileira. Em um artigo sobre ele no dia 27.3.2005, o Correio Brasileiro o descreveu como “um dos mais importantes nomes brasileiros da música erudita contemporânea”.

A atividade de concertista já o levou a se apresentar em mui-

tas das mais importantes salas de concertos do mundo, como a Sala Puccini e o Teatro dal Verme em Milão, o Carnegie Hall e a Americas Society em Nova York, o Kennedy Center em Washington DC, o salão da UNESCO em Paris, o Teatro Palladium em Roma, o Duke’s Hall em Londres, a Sala Lisinsky em Zagreb, e a Sala Bellas Artes de San Juan, Porto Rico. Programas de rádio e televisão incluem apresentações na National Public Radio (NPR) e WQXR em Nova York; Rádio do Senado Federal, MEC e Roquete Pinto no Brasil, TV Câmara, RTV Eslovenia, HRT Cro-

---

atia, RAI Italia, ETV Sri Lanka, e NRK na Noruega.

Como solista e regente, tem se apresentado com orquestras em vários continentes, destacando-se entre outras a Orchestra d'Archi Italiana, as Filarmônicas de Johannesburgo e de Maribor, a Orquestra de Câmara de Oslo, a Orquestra Sinfônica de Tromsø, a Orquestra Sinfônica Nacional, a Orquestra da Ópera da Noruega, a "European Art Orchestra" e a Princeton Chamber Symphony.

Gustavo Tavares é um musicista ambientado em vários estilos, atua há vários anos como um dos violoncelo-solistas da Ópera Nacional da Noruega, em Oslo, e colabora frequentemente com músicos de vertentes que vão do erudito ao jazz, incluindo nomes como Mario Brunello, Richard Kimball, Anders Øien, Wagner Tiso, Niels Henning Ørsted-Pedersen, Quarteto Sebastian, Thiago de Melo, Maria Teresa Madeira, Sverre Joner, Marcelo Fagerlande, e o grupo norueguês Ytre Suloens Jazz Ensemble.

Também se apresentou em inúmeros concertos em parceria com o "jazz-star" cubano Paquito D'Rivera, com quem fundou o grupo "Triangulo", juntamente com o pianista Pablo Zinger. Com este grupo ele gravou vários CDs, um deles tendo sido nomeado para o prestigioso Prêmio Grammy de "Melhor Álbum Clássico Cross-Over".

Gustavo Tavares é reconhecido na área acadêmica como especialista em música da Amé-



**Gustavo Tavares é reconhecido internacionalmente como violoncelista e compositor**

rica Latina, a brasileira em particular, temas sobre os quais foi convidado a apresentar cursos e master classes em inúmeras universidades e conservatórios, entre estes, a Royal Music Academy em Londres, a Universidade da Califórnia Northridge, a Academia Superior de Música de Zagreb, e a Universidade de Bergen, na Noruega.

Foi o idealizador e Diretor Artístico do "Latin American Chamber Music Project" na Rutgers University, nos Estados Unidos, e foi por vários anos "Artist in Residence" do Center for Latino Arts and Culture na

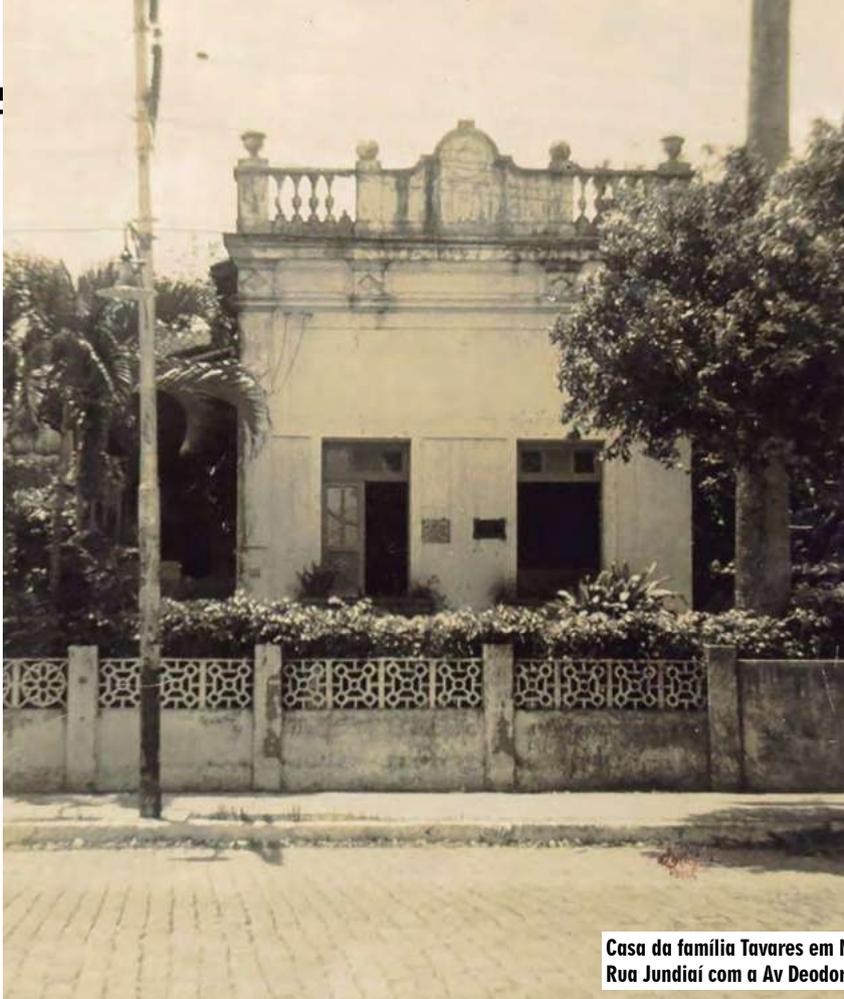
mesma universidade. Também serviu como consultor na criação do programa do Festival de Vestfold, em 2000 na Noruega, evento que criou uma das mais completas apresentações de música brasileira no norte da Europa até hoje.

Como compositor e arranjador, Gustavo Tavares teve o seu trabalho apresentado e gravado por instituições e solistas renomados, entre outros YoYo-Ma, a Orquestra de Violoncelos de Veneza, a Orquestra Metropolitana de Sidney e a Orquestra Sinfônica de Gotenburgo. O Quarteto de Cordas de Buenos Aires gravou

dois de seus arranjos no CD “Riberas”, o qual foi agraciado com o Premio “Latin Grammy” como o melhor CD de música erudita no ano de 2005, e Tavares também contribuiu com dois dos arranjos no CD “Obrigado Brasil - Live in Concert” com o qual YoYo Ma também recebeu um Prêmio Grammy.

Em 2017, teve sua obra “Egum”, uma comissão da “Amici della Musica” italiana, estreada no famoso Teatro La Fenice, em Veneza. Uma outra obra, “Ladainha”, para 8 violoncelos, foi recebida internacionalmente com muito interesse e apresentada por ensembles de violoncelo na Suécia, Itália, Croácia, Noruega, Alemanha, Nova Zelândia, Austrália, e nos Estados Unidos na importante série da “Lincoln Center Chamber Music Society”. Uma de suas obras mais recente, um quinteto de cordas com 2 violoncelos, foi estreado na Ópera Nacional da Noruega.

Gustavo Tavares colabora frequentemente com o violonista brasileiro Nelson Faria, com quem gravou o CD “Na Esquina de Mestre Mignone”, e publicou o livro “Música Brasileira para Violoncelo e Violão: na esquina do erudito com o popular” pela Editora Irmãos Vitale. O duo Tavares-Faria já se apresentou em turnê no Brasil e em vários países da Europa, e o seu concerto na prestigiosa série do Pallazzo Quirinale em Roma, residência do presidente da República Italiana, foi gravado e irradiado ao vivo em cadeia nacional pela



Casa da família Tavares em Natal  
Rua Jundiá com a Av Deodoro

Radio Italiana, RAI. O duo ainda gravou um segundo CD, “Chamber Bossa”, em parceria com o percussionista Rodolfo Cardoso.

Igualmente dedicado à atividade pedagógica, foi convidado a ministrar classes tanto em festivais internacionais e conservatórios reconhecidos, quanto em projetos para jovens em áreas menos favorecidas, destacando-se master classes e demonstrações na Croácia, Itália, Alemanha, Suécia, Noruega, Islândia, Estados Unidos, África do Sul, Índia, Sri Lanka e Brasil.

Nos últimos anos, tem desenvolvido parte da sua atividade como artista na busca de um diálogo com o trabalho de conservação da natureza, em especial da floresta tropical. Em parceria com a Fundação

Amazônia Sustentável, ONG brasileira atuante em conservação ambiental, fez três turnês solo em várias reservas da região amazônica. Este projeto segue em andamento com a criação de um documentário.

Entre projetos atuais, acaba de gravar o CD em Zagreb, projeto para violoncelo solo para o selo croata “A Classic”, e trabalha em duas novas obras em comissão com estréias marcadas na Itália e na Croácia, respectivamente.

Gustavo Tavares é “Oficial” da “Ordem do Rio Branco”, uma das mais importantes comendas brasileiras, e em 2014 foi agraciado com o “Brazilian International Press Award” por sua atuação como intérprete e divulgador da música brasileira.